

## O ESTUDO DO MEIO E APREENSÃO DA PAISAGEM URBANA

Sandra Terezinha MALYSZ<sup>1</sup>

Claudivan Sanches LOPES<sup>2</sup>

Rosimeire Cristina Gussão LETENSKI<sup>3</sup>

### RESUMO

Considerando que o Estudo do Meio contribui para um ensino de Geografia mais dinâmico e que favorece o raciocínio geográfico, este trabalho foi construído com o objetivo de ampliar o debate sobre essa metodologia no estudo da cidade e da paisagem urbana. O artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa-ação dos bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID do curso de Geografia da Unespar, com alunos dos 6<sup>os</sup> anos em uma escola do município de Campo Mourão/PR. A metodologia consistiu no Estudo do Meio com os alunos nos diferentes bairros da cidade nos quais eles moravam. A realização de um questionário sobre o georreferenciamento escolar revelou que a maioria dos alunos moravam em lugares distantes do Colégio. Os bairros de moradia foram espacializados na planta urbana, e depois visitados com os alunos, que observaram as diferentes paisagens urbanas e as representaram com desenho. O trabalho de campo possibilitou a articulação entre o conhecimento do cotidiano e o conhecimento científico e favoreceu as abstrações. O olhar geográfico do aluno sobre os diferentes bairros, confirmou que a paisagem é percebida de forma diferente pelos indivíduos, assim, favoreceu a discussão sobre a vida na cidade e cidadania.

**Palavras chave:** Paisagem urbana. Cidade. Geografia escolar. Desenho. Cartografia Escolar.

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Professora do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná (Unespar).

<sup>2</sup> Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo - FFLCH/USP e Prof. do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

<sup>3</sup> Especialista e Licenciada em Geografia pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – FECILCAM e Professora de Geografia na Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/PR.

## **THE STUDY OF THE ENVIRONMENT AND DESIGN IN THE APPREHENSION OF THE URBAN LANDSCAPE**

### **ABSTRACT**

Considering that the Study of the Environment supports a more dynamic teaching of Geography and that favors geographic reasoning, this work was built with the objective of broadening the debate on this methodology in the study of the city and the urban landscape. The article was developed based on an action research of the scholarship holders of the Institutional Program of Initiation to Teaching - PIBID of the Geography course at Unespar, with 6th graders in a school in the city of Campo Mourão / PR. The methodology consisted of studying the environment with students in the different neighborhoods of the city where they lived. The completion of a questionnaire on school georeferencing revealed that most students lived in places far from the school. The housing districts were spatialized in the urban plan, and then visited with the students, who observed the different urban landscapes and represented them with drawings. The fieldwork enabled the articulation between everyday knowledge and scientific knowledge and favored abstractions. The student's geographical view of the different neighborhoods confirmed that the landscape is perceived differently by individuals and favored the discussion about city life and citizenship.

**Keywords:** Urban landscape. City. School Geography. Drawing. School Cartography.

## 1 INTRODUÇÃO

Contextualizar o conteúdo geográfico, estabelecendo relações das práticas espaciais vivenciadas pelos alunos com o conhecimento científico, é uma das estratégias para que o ensino-aprendizagem no âmbito da educação básica seja significativo. O trabalho com a Geografia do lugar pode motivar e favorecer a aprendizagem, com o desenvolvimento do raciocínio geográfico e a construção de novos conhecimentos, na articulação entre os conceitos do cotidiano e os conceitos científicos. Segundo Callai (2000), ao estudar o lugar, professor e alunos se envolvem em situações que consideram o empírico, o que existe no lugar, o conhecimento da vivência, e na procura da teorização e da abstração, trabalham com os conceitos científicos, o que possibilita ir além da generalização de experiências particulares e entender a realidade como um todo.

Nesta abordagem, discute-se neste artigo, o Estudo do Meio e a pesquisa no ensino de Geografia tanto quanto possibilidade para o professor conhecer melhor seus alunos em seu contexto social, quanto na perspectiva do ensino-aprendizagem de conceitos geográficos a partir do estudo do lugar e das diferenças nas paisagens urbanas.

O trabalho foi construído com base em reflexões decorrentes do desenvolvimento de um projeto de pesquisa, ensino e extensão, com 143 alunos de quatro turmas dos 6<sup>os</sup> anos da disciplina de Geografia, em uma escola no município de Campo Mourão/PR, no ano letivo de 2014. O desenvolvimento das atividades de pesquisa e ensino foi coordenado pela professora das turmas com auxílio de licenciandos do curso de Geografia da Unespar, *campus* de Campo Mourão, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID<sup>4</sup>.

A metodologia do Estudo do Meio foi utilizada para proporcionar aos pesquisadores (professor e alunos) a apropriação de conhecimentos geográficos a partir das paisagens urbanas que configuram os diferentes lugares de vivência dos alunos. E, ao mesmo tempo, para investigar a consistência dos dados do georreferenciamento escolar, verificar o lugar que os alunos moram, a distância em relação ao colégio<sup>5</sup> que estudam, que fica na área central da cidade e, a mobilidade

---

<sup>4</sup> O PIBID é um programa institucional promovido pelo Ministério da Educação – MEC, com bolsas da CAPES, que objetiva colocar os licenciandos em contato com a escola com atividades desenvolvidas junto aos alunos, supervisionados por um professor da Educação Básica, sob coordenação de um professor da Universidade. Participaram desta pesquisa os licenciandos bolsistas do PIBID: Ana Paula Azevedo da Rocha, Bruna Fernanda Eleutério, Rafael Moraes Marcolino e Suelen Cristina Silva Medeiros (hoje licenciados).

<sup>5</sup> A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual Marechal Rondon, Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante, que é um dos colégios públicos mais centrais da Cidade de Campo Mourão.

urbana destes alunos para se deslocarem até a escola. O georreferenciamento escolar<sup>6</sup> consiste em um sistema utilizado para matrículas nas escolas estaduais do Paraná para garantir que crianças e adolescentes estudem na escola mais próxima de suas residências.

O Estudo do Meio trata-se de uma metodologia de ensino interdisciplinar, que proporciona aos envolvidos o contato direto com o espaço geográfico a ser estudado. O trabalho de campo se configura em uma das principais etapas no Estudo do Meio, o qual, na prática desta pesquisa, foi subsidiado principalmente pela cartografia escolar para localização, orientação e espacialização de elementos geográficos, e pelo desenho do aluno na representação da paisagem urbana.

As diferentes linguagens e metodologias associadas auxiliam o desenvolvimento do raciocínio geográfico e o pensar sobre a Geografia do município e do lugar. Facilitam a construção de abstrações pelos alunos, ou seja, enseja o estabelecimento de relações entre os conhecimentos das práticas espaciais cotidianas e os conceitos geográficos.

## **2 O ESTUDO DO MEIO E O ENSINO DE GEOGRAFIA**

As atividades de Estudo do Meio estão intimamente ligadas a uma opção metodológica para estudar o espaço geográfico, com a organização do trabalho pedagógico, considerando o trabalho interdisciplinar e o desenvolvimento de projetos de pesquisa e ensino.

Cotidianamente as pessoas exploram o seu meio, o que faz parte da vivência de cada um e, vai constituindo as práticas espaciais individuais e coletivas, o conhecimento prévio sobre o espaço geográfico com os diferentes elementos que o constitui. O meio em que cada um vive é a concretização das forças que regem o mundo atual (OGALLAR, 1995).

O Estudo do Meio no ensino de Geografia se configura portanto, como importante estratégia metodológica para promover o confronto entre as os saberes que resultam das práticas espaciais cotidianas, isto é, dos saberes construídos naturalmente por meio de explorações, de experimentações e de observações do espaço imediato e dos conhecimentos científicos, historicamente construídos.

---

<sup>6</sup> O georreferenciamento escolar utilizado para matrículas nas escolas estaduais do Paraná foi criado com base na Lei 11.700 de 13 de junho de 2008 - Normas para gestão do transporte escolar público do Paraná e, na Resolução CD/FNDE nº 45, de 2013 - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação do Ministério da Educação.

Segundo Lopes e Pontuschka (2009, p. 174), o Estudo do Meio enquanto atividade pedagógica “[...] se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos”.

Nesta perspectiva, o Estudo do Meio possibilita a imersão de professores e alunos na atividade de pesquisa, de novas descobertas. Conforme coloca Balzan (1976, p. 138):

O Estudo do Meio é uma experiência, e, mais que isso, vivência. É atividade permanente, não apenas física, mas principalmente mental, no sentido de elaboração, que apela para esquemas já atingidos e os põem em execução. É uma técnica de grande importância, pois é através dela que se leva o aluno a tomar contato com o complexo vivo, com um conjunto significativo que é o próprio meio, onde natureza e cultura se interpenetram. O aluno sintetiza, observa, descobre. Assim, estudar o meio, portanto, não significa contemplar a realidade, significa, isto sim, trazer a realidade para dentro de si, assumi-la.

Logo, na realização do Estudo do Meio, a pesquisa e o ensino devem caminhar juntos, e requer do professor e alunos, a atitude de pesquisadores, pois está relacionado intimamente ao método de investigação da ciência geográfica, envolvendo: leitura metódica do espaço geográfico e problematização; levantamento de fontes para estudo; pesquisa de campo; e sistematização do conhecimento. Sobre a importância da pesquisa no processo de ensino-aprendizagem, Demo (2001, p. 43-44), argumenta que:

Aprender, além de necessário sobretudo como expediente de acumulação de informação, tem seu lado digno de atitude construtiva e produtiva, sempre que expressar descoberta e criação de conhecimento, pelo menos a digestão pessoal do que se transmite. Ensinar e aprender se dignificam na pesquisa, que reduz e/ou elimina a marca imitativa.

O professor de Geografia, deve, portanto, mediar a exploração do meio junto aos alunos, para que a realidade vivenciada seja apreendida em uma nova perspectiva, e se consiga enxergar para além da realidade aparente, como observa Callai (2000), com o “olhar espacial”:

O olhar espacial supõe desencadear o estudo de determinada realidade social verificando as marcas inscritas nesse espaço. O modo como se distribuem os fenômenos e a disposição espacial que assumem representam muitas questões, que por não serem visíveis têm que ser descortinadas, analisadas através daquilo que a organização espacial está mostrando (CALLAI, 2000, p. 94).

Lopes e Pontuschka (2015, p. 90) argumentam que a função do conhecimento geográfico no currículo escolar é desenvolver no aluno um “olhar diferente sobre o mundo”, um modo específico de pensar, um olhar geográfico.

Considera-se o olhar geográfico, o olhar espacial que permite ao aluno não ser apenas um “contemplador das paisagens”, mas que, a partir do conhecimento do cotidiano e das experiências empíricas, possa realizar abstrações e relacionar com o conhecimento científico, percebendo esse espaço particular, como parte de um todo. O que acontece no seu lugar tem relações com outros lugares da sua cidade e de outros lugares do mundo. E, ao lançar o olhar geográfico para as paisagens do lugar, perceber que além do que é visível em um primeiro momento, estão as relações sociais e a relação entre sociedade e natureza, articuladas na organização espacial e nas transformações do espaço urbano.

Assim, em uma perspectiva pedagógica do Estudo do Meio, destaca-se as seguintes características: a) o trabalho científico, a valorização da aprendizagem e a construção do conhecimento por parte dos pesquisadores, no caso, os alunos e os professores; b) a problematização da realidade com formulação de perguntas e a busca por respostas pautadas no conhecimento científico; c) a abordagem integrada da realidade nas suas dimensões biofísicas, histórico-culturais e socioeconômicas; d) a abordagem interdisciplinar, exigida pela complexidade do real; e) a conjugação do trabalho individual com o trabalho coletivo.

Ao Estudo do Meio é atribuída ainda, importância pedagógica relacionada a construção de conhecimentos geográficos e do âmbito profissional, da seleção dos conteúdos e metodologias de ensino com autonomia pelo docente, como sujeito criativo, que vai além da reprodução. Segundo Lopes e Pontuschka (2013), os Estudos do Meio contribuem com o desenvolvimento da autonomia dos professores e das unidades escolares na efetiva implementação dos currículos escolares e, deste modo, um fator importante na constituição da profissionalidade docente.

A partir dos referenciais teóricos sobre a temática (BALZAN, 1976; GOETEMS, 2006; LOPES e PONTUSCHKA, 2009; entre outros) e do acompanhamento de alguns trabalhos práticos, sistematizamos a realização do Estudo do Meio no âmbito do ensino da Geografia em quatro etapas, a seguir caracterizadas.

1) Problematização e planejamento. O Estudo do Meio parte da problematização de aspectos do espaço geográfico que se deseja estudar e do planejamento de ações para desvendá-lo. É importante que o professor investigue previamente o espaço geográfico a ser explorado,

utilizando-se, por exemplo, de trabalhos publicados sobre o lugar, produtos cartográficos, fotos e vídeos, entre outros, e se possível, uma visita prévia no local.

Avalia-se como necessário planejar as atividades envolvendo o projeto do Estudo do Meio como um todo, considerando o ensino e a pesquisa, os sujeitos envolvidos, os objetivos e o objeto de estudo, a temática e os conteúdos, o meio a ser estudado, os recursos necessários e como viabilizá-los, as estratégias metodológicas, o tempo necessário, a logística na escola, a socialização dos resultados e a avaliação.

2) Mobilização e preparação. Os sujeitos envolvidos, alunos e professores precisam estar motivados para o Estudo do Meio e mobilizados para a problemática do espaço geográfico a ser estudada. Nesta etapa, algumas ações são fundamentais junto aos alunos: relacionar a temática com o conhecimento prévio; delimitar o espaço a ser estudado; expor e discutir os objetivos, a metodologia e as atividades a serem executadas; organizar o roteiro de campo; realizar a divisão das tarefas; providenciar os materiais necessários para o trabalho de campo; promover com os alunos uma pesquisa prévia sobre o lugar a ser visitado; combinar qual será o horário e local de saída e retorno, a hora do lanche, e o uso de sanitários. É imprescindível providenciar com antecedência os agendamentos de visitas nos locais, e a autorização dos responsáveis pelos alunos para a atividade de campo. Dependendo da atividade, precisa também da elaboração prévia de questionários e formulários para o trabalho de campo.

É importante a elaboração de um caderno de campo, apresentando didaticamente e com precisão os objetivos da atividade, informações sobre o local, o roteiro do trabalho de campo com o percurso a ser percorrido, mapas e as atividades a serem executadas, com espaço para anotações, desenhos e croquis.

3) Coleta de dados e trabalho de campo: é a etapa culminante do Estudo do Meio, na qual os sujeitos envolvidos, realizam as atividades de campo no meio a ser estudado, que pode ser tanto na própria escola, quanto em lugares mais distantes, momento em que o olhar geográfico – ou seja, o olhar mediado pela teoria geográfica – é direcionado sobre o espaço geográfico a ser estudado, confrontando os conhecimentos científicos, com aqueles do cotidiano. O contato com a realidade, pautada no conhecimento científico, mobiliza outras sensações e percepções sobre a realidade, do que aquelas que se tinha anteriormente.

Para a atividade de campo, um kit de primeiros socorros deve ser providenciado, água, vestimentas adequadas, instrumentos de orientação, de coleta de dados e de registro (como caderno de campo, questionários, celular, máquina fotográfica, mapas, croquis, bússola, GPS, entre outros).

No Estudo do Meio com os alunos da educação básica, o cuidado com a segurança deve ser redobrado, considerando que eles são menores, e que podem surgir imprevistos, sendo necessário mais de uma pessoa responsável estar junto, além do professor coordenador da atividade. Na realização de trabalho de campo, deve se certificar sobre: a autorização dos responsáveis; os documentos pessoais dos participantes; a necessidade de remédio de uso contínuo no percurso ou restrição a atividade a ser executada; os agendamentos dos locais a serem visitados; a disponibilidade de transporte; a segurança no transporte e no local a ser explorado.

4) Sistematização dos dados, socialização dos resultados e avaliação. Após a atividade de campo é necessário organizar os dados coletados e sistematizar a informações, produzindo a partir daí novos conhecimentos, socializando as informações posteriormente. A roda de conversa é uma estratégia para pontuar os principais aspectos do trabalho realizado, os conceitos explorados, os problemas encontrados e os conhecimentos construídos.

A forma de registro e a sistematização dos resultados devem ser condizentes com a faixa etária e aos objetivos de ensino, sempre com a mediação do professor. Entre as atividades para sistematização, estão a produção escrita (a exemplo do relatório de campo), a exposição fotográfica, a produção de vídeo, o trabalho cartográfico (tabelas, mapas, gráficos), a representação com desenho, a dramatização, a organização de painéis informativos, entre outras.

A avaliação dos resultados deve ser realizada pelos professores com uma atitude reflexiva, considerando os resultados de todo o processo, o tempo e a energia gastos e os objetivos de ensino-aprendizagem. Deve ser pautada na avaliação coletiva e individual da aprendizagem com os alunos, decorrente das atividades desenvolvidas em todas as etapas do Estudo do Meio.

Considerando o percurso apresentado, o Estudo do Meio traz uma importante contribuição ao ensino da Geografia, por promover a pesquisa orientada relacionando o meio de vivência com o conhecimento construído pela ciência geográfica, possibilitando assim, a reflexão e o raciocínio geográfico.

### **3 UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DOS CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS A PARTIR DO ESTUDO DO MEIO E DA PAISAGEM URBANA EM CAMPO MOURÃO**

Estudar o município, a cidade, o lugar, é fundamental com a perspectiva da formação da cidadania e do direito a cidade. Como coloca Siqueira (2019, p. 350), “[...] a geografia escolar fazendo da cidade seu objeto, cria a possibilidade da conquista do espaço urbano pelos cidadãos”. Sobre o assunto, a autora complementa:

Da mesma forma que a escola não contém monopólio da compreensão sobre a cidade, na escola os estudos que visam analisar, compreender e (re)pensar a cidade não se restringe (ou não se deve restringir) à geografia. Contudo, cabe a esta disciplina escolar a responsabilidade da análise espacial num esforço para que o aluno possa compreender seu papel como sujeito histórico e (co)responsável pelos processos que dão forma e conteúdo às cidades (SIQUEIRA, 2014, p. 349).

Como argumenta Cavalcanti (2008, p. 55), compreender a cidade não é uma tarefa simples, “[...] a compreensão do tema cidade pelos alunos exige tratamento interdisciplinar, requer a formação de um sistema amplo de conceitos, a aquisição de muita informação e o desenvolvimento de uma série de capacidades e habilidades”. É preciso pensar em como e em quais conceitos e temas abordar no estudo da cidade e do urbano.

Em relação aos conceitos, “o urbano é frequentemente o abstrato, o geral, o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno” (SANTOS, 2008, p. 66). Estes dois conceitos que são distintos e se relacionam, devem ser trabalhados de forma integrada. É na cidade que o modo de vida urbano se manifesta. E, ao estudar a cidade com os alunos da educação básica, é preciso pensar na cidade que eles moram, onde ocorre a vida cotidiana, ir para além daquelas cidades, cujas fotos e descrições, que de certa forma, estão presentes nos livros didáticos. Cavalcanti (2008, p. 150), em suas reflexões sobre o ensino da cidade, coloca que:

[...] a perspectiva da análise da relação entre cidadania e cidade está, portanto, voltada para a preocupação de formar uma cidadania ativa, crítica, participativa, responsável e aberta para a diversidade, para a potencialidade da vida da cidade, com espaços comuns, de usos e funções múltiplos, que atendam à diversidade das pessoas.

Logo, para explorar pedagogicamente o direito a cidade e a cidadania, é importante estudar o lugar do aluno, na cidade onde ele vive, mas também na relação com outras escalas espaciais e com outras cidades, com outros lugares. E o Estudo do Meio é, nesta perspectiva, uma das formas de abordar esta temática no ensino de Geografia, aproximando o aluno do ser cidadão, e possibilitando aos educadores um conhecimento mais amplo do contexto vivido pelos alunos.

Siqueira (2014, p. 251) destaca que “[...] não é difícil encontrar, especialmente nas cidades maiores ou em escolas das periferias, crianças/estudantes que nunca saíram de seu bairro, que sequer conhecem o centro da cidade” e, complementa que existem “[...] professores que não conhecem a cidade onde vivem”. Para além da cidade grande, Campo Mourão, *locus* desta pesquisa, é uma cidade de porte médio, com população estimada para o ano de 2019, de cerca de 94.859 habitantes (IBGE, 2020), e seus diferentes bairros também não são conhecidos por todos os moradores. De modo geral, os alunos do centro da cidade não conhecem a periferia e vice-versa.

No decorrer das atividades que constituíram esta pesquisa, a professora, questionando seus alunos dos 6<sup>os</sup> anos sobre o lugar da cidade que viviam e sobre as práticas espaciais cotidianas deles, constatou que havia entre eles, moradores de diferentes bairros da cidade, inclusive distantes do centro, diferente do que ela sabia pelo georreferenciamento escolar. Logo, um trabalho de campo nesses bairros, seria uma rica oportunidade para conhecer junto com os alunos, diferentes paisagens urbanas e ainda, explorar alguns conceitos básicos da Geografia.

Partiu-se do pressuposto que é função da escola de modo geral e, particularmente, do ensino de Geografia possibilitar às crianças e aos adolescentes, compreender que a Geografia faz parte do dia a dia e que seu corpo de conhecimentos produzidos ao longo do tempo, vai ajudá-los a viverem na sua cidade e a explorarem outros espaços geográficos, outros lugares, outras cidades, de modo mais consciente e responsável.

Na sequência, o Estudo do Meio, envolveu as seguintes etapas: a) identificação preliminar em sala de aula, dos bairros de moradia dos alunos dos 6<sup>os</sup> anos; b) pesquisa sobre o georreferenciamento escolar e contexto socioeconômico dos alunos, a partir de questionário elaborado pelos licenciandos sobre a temática e aplicado aos alunos, tabulação dos resultados pelos licenciandos, análise e socialização das informações em conjunto por professor e alunos; c) espacialização dos dados sobre o georreferenciamento escolar com os alunos, no mapa da cidade; d) planejamento e realização de trabalho de campo, percorrendo a maioria dos bairros de moradia dos alunos; e) desenvolvimento de atividades em sala de aula, discutindo os dados coletados em

campo, e representando estas informações em textos, mapas e desenhos, e; f) socialização das atividades de campo na escola.

### 3.1 O GEORREFERENCIAMENTO ESCOLAR E A DIVERSIDADE SOCIOECONÔMICA

Para identificar todos os bairros de moradia dos alunos dos 6<sup>os</sup> anos, primeiramente, em sala de aula, foi realizada uma conversa sobre o lugar de moradia de cada um. Assim que um aluno se manifestava como morador de um bairro, a professora questionava a turma sobre a existência de outros colegas moradores do mesmo bairro. O nome dos bairros e a quantidade de moradores foram registradas no quadro e no caderno pelos alunos, construindo um gráfico de barras com o número de alunos moradores de cada bairro. Foi realizado um pequeno debate sobre algumas características desses lugares, com os seguintes questionamentos: Onde você mora? Como é esse lugar? Ele sempre foi assim? O que mudou? Você gostaria que fosse diferente? Todos os bairros da cidade são iguais? Gostaria de morar em outro lugar? Por que você não estuda no colégio do seu bairro?

Para identificar com mais precisão o lugar de moradia, o georreferenciamento escolar, com a mobilidade para ir à escola e outras características do contexto socioeconômico dos estudantes, os acadêmicos elaboraram um questionário e entregaram para cada um dos alunos dos 6<sup>os</sup> anos, para que levassem para os pais os ajudarem com as repostas.

O sistema de georreferenciamento escolar, por orientação do governo Estadual, foi utilizado no Colégio, para garantir a matrícula dos alunos que morassem mais próximo do mesmo, o que permitiria a otimização do transporte escolar, reduzindo os deslocamentos, e possibilitaria um equilíbrio das matrículas nas escolas, auxiliando na tomada de decisões e gestão dos recursos públicos. O mapeamento para a matrícula foi realizado a partir da comprovação de endereço, com a apresentação da fatura de energia elétrica da Copel, e na falta desta, por fatura de telefone, correspondência bancária ou comercial no nome do responsável pelo aluno. Esta iniciativa vai também de encontro, com o artigo 53 inciso V do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, segundo a qual, as crianças e adolescentes tem direito ao “[...] acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência”.

Foram respondidos 143 questionários. Com a análise dos dados coletados, constatou-se diversidade socioeconômica nas turmas, embora a maioria das famílias recebam até três salários mínimos, sendo que 18% recebam algum tipo de assistência do governo. Quanto a escolaridade

dos pais, a maioria tinha o ensino médio ou superior. Foram identificados 44 bairros de moradia dos alunos. Os dados dos questionários mostraram problemas com a política do georreferenciamento escolar, já que, entre os alunos dos 6<sup>os</sup> anos, 54% residiam em outros bairros e 46% residiam no centro, próximo ao Colégio.

Muitos alunos se deslocavam de bairros mais distantes para estudar neste Colégio, mesmo com escolas próximas às suas casas. Esta mobilidade para estudar, pode ser caracterizada como micromobilidade física, que segundo Rocha (1998), ocorre “quando a escala temporal é curta, cotidiana, diz respeito aos deslocamentos diários [...]”. Assim, para o deslocamento até o Colégio, 43% dos alunos utilizavam o ônibus escolar ou do transporte coletivo, 20% carro ou moto e, 37% iam a pé ou de bicicleta. O tempo gasto para ir ao colégio ficou entre 15 minutos a uma hora dependendo do lugar e do transporte utilizado.

Para matricular os filhos no centro da cidade, os pais que moravam em bairros mais distantes, utilizaram outros endereços. Somente 22% dos pais afirmaram que matricularam seus filhos neste Colégio, pela proximidade de suas casas; 57% pela suposta qualidade de ensino que julgam que oferece; 11% influenciados por amigos e 10% por outros motivos. Em relação a qualidade do ensino neste Colégio, 79% dos pais o consideram muito bom ou ótimo. Por conseguinte, os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais, Anísio Teixeira - INEP, mostram que o Índice da Educação Básica - IDEB deste Colégio é maior do que das demais escolas do município.

Comprova-se com a pesquisa desenvolvida, a importância dos Estudos do Meio para fortalecer a dimensão pública da educação, como coloca Lopes e Pontuschka (2009, p. 79). Segundo estes autores, “[...] ao desvelar as injustiças sociais e outras questões que afetam o bem-estar de uma determinada comunidade escolar, os Estudos do Meio podem ser valiosos instrumentos para a compreensão e superação daquelas injustiças”.

Considerando o não funcionamento na prática do georreferenciamento escolar, algumas questões se colocam: A criança da periferia não teria direito a estudar no centro da cidade? Por que as escolas dos bairros não teriam qualidade similar ao Colégio do centro?

Outra questão, relaciona-se ao acompanhamento dos pais na vida escolar de seus filhos. Como a maioria dos pais trabalham o dia todo, dedicar atenção ao desempenho escolar dos filhos não é algo simples. Considera-se que morando mais distante da escola, poderia ser ainda mais difícil a presença e participação dos pais na comunidade e na vida escolar de seus filhos. No

entanto, será que de fato, os pais dos alunos frequentam mais ou menos a escola dos filhos por morarem mais próximos ou mais distantes desta? Será que todos os alunos que moram próximo da sua escola, tem o envolvimento dos seus pais na comunidade escolar e na vida escolar? São questões que se coloca aqui pra instigar novas reflexões e novas pesquisas.

### 3.2 CARTOGRAFIA ESCOLAR: ORIENTAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E ESPACIALIZAÇÃO DE ELEMENTOS GEOGRÁFICOS

Um dos objetivos das atividades desenvolvidas envolvendo o Estudo do Meio foi o ensino do mapa e sua importância para orientação, localização e espacialização dos fenômenos geográficos. Sobre isso, Oliveira (2011, p. 39) coloca que “a distribuição e a localização espaciais só podem ser analisadas efetivamente se dispusermos de mapas que representam estas propriedades espaciais na superfície terrestre”. Trabalhou-se com a cartografia escolar, colocando o aluno para refletir sobre a importância do mapa e como ele se constitui.

Em sala de aula, os diferentes bairros de moradia dos alunos na cidade de Campo Mourão, foram espacializados no mapa urbano (planta). Para isso as plantas urbanas, fornecidas pelo comércio local, foram distribuídas para grupos de quatro ou cinco alunos, que deveriam identificar os lugares de suas moradias e discutir com os colegas algumas questões: O bairro que você e os colegas moram fica em que direção em relação ao Colégio? Fica perto ou longe? Quantas quadras? E se formos transformar estas quadras em metros? Como você vem para o Colégio? Quanto tempo demora? Por que estuda neste Colégio e não em outro? Dessa forma, com a exploração do espaço geográfico no mapa urbano e o pensar sobre as respostas aos questionamentos, as crianças foram estimuladas a pensar geograficamente: “porque neste lugar e não em outro?”.

Na sequência, os acadêmicos colaram a planta urbana do município no isopor e utilizaram com os alunos técnicas da cartografia temática. Cada aluno localizou o seu lugar de moradia na planta urbana e identificou-o fixando um alfinete de cabeça colorida no local para espacializar essa informação. A utilização dos alfinetes com os alunos ocorreu com o auxílio dos acadêmicos e da professora, que organizaram a atividade com disciplina, para que não ocorressem acidentes. Para garantir maior segurança, sugerimos também outras estratégias, como a utilização de adesivos ou o mapa magnético, no lugar do mapa no isopor e dos alfinetes.

### 3.3 TRABALHO DE CAMPO, A GEOGRAFIA DO LUGAR E A OBSERVAÇÃO DA PAISAGEM URBANA

Como eram muitos alunos, o trabalho de campo foi realizado com cada uma das turmas separadamente. Após a identificação dos bairros de residência dos alunos, procedeu-se a realização do trabalho de campo com paradas em cada um destes lugares, a fim de conhecer como os elementos do espaço geográfico se configuram e constituem as diferentes paisagens urbanas.

A paisagem, como coloca Santos (1998, p. 28). “[...] é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais, é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério”. Segundo concepções do autor, a paisagem é única, é objeto de mudanças e reflete as transformações da sociedade e da natureza no espaço geográfico, nos diferentes tempos, sendo uma paisagem escrita sobre a outra.

Desta forma, a paisagem urbana reflete a ação dos elementos naturais e sociais na cidade e está passível sempre de transformações, que ocorrem principalmente motivadas pelas necessidades do ser humano e das ações técnicas disponíveis. As paisagens urbanas não são, portanto, únicas e se diferenciam de acordo com a relação que a sociedade tem com o espaço, condicionada a diferentes interesses, necessidades e técnicas. Perceber essas diferenças e refletir sobre elas, faz parte de um processo para compreender as transformações do espaço geográfico.

Logo, para na observação da paisagem urbana é necessário considerar os elementos imateriais e materiais. Os elementos imateriais são as ações da sociedade que produzem e reproduzem o espaço da cidade, produções culturais que interferem na dinâmica de seus diversos elementos. Entre os elementos materiais, estão: as construções (casas, prédios, estabelecimentos comerciais, pontes, viadutos, calçadas, cabos, postes, rede de esgoto, tratamento de água, praças, parques, escolas, hospitais, entre outros); as áreas degradadas (processos erosivos, esgoto a céu aberto, depósitos irregulares de lixo, prédios depredados, poluição atmosférica); entre outros; e de elementos não materiais, como as relações sociais, religiosas e políticas.

No caso da atividade desenvolvida, a motivação para o estudo de elementos da paisagem urbana, partiu do fato de que muitos dos alunos, apesar de estudarem em um colégio localizado no centro da cidade, moravam na periferia, sendo portanto, uma oportunidade para professores e alunos conhecerem outras paisagens e compará-las com aquelas já conhecidas, com o ‘olhar

geográfico’. Sobre a percepção dos alunos sobre a paisagem e a importância da mediação do professor, Silva e Trindade (2019, p. 35) mencionam que:

O professor de Geografia possui a habilidade de guiar o aluno a compreender através do estímulo à percepção da realidade, reconhecendo os processos de produção que culminaram na configuração da paisagem atual; as relações e atores sociais que atuam em diferentes escalas; e a tomar consciência de que o próprio aluno é um agente atuante no espaço.

O lugar no qual se desenvolvem as práticas espaciais cotidianas, favorece a abstração do conhecimento e das relações entre o vivido, o percebido e o conhecimento científico. Partindo do espaço vivido é mais fácil compreender os fenômenos e organizar as informações, teorizar, abstrair do concreto, na busca de explicações, comparações e extrapolações (CALLAI, 1998).

O recorte espacial do lugar, contribui com a exploração dos conceitos geográficos articulados com os conceitos do cotidiano, com reflexões sobre o direito à cidade. Investigar os aspectos da paisagem do município favorece também a organização de Estudos do Meio com aulas de campo em lugares mais acessíveis aos pesquisadores, incluindo alunos e professores.

Lopes e Pontuschka (2009) nos alertam que “[...] a realização dos Estudos do Meio pode tornar mais significativo o processo ensino-aprendizagem e proporcionar aos seus atores o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre aparente naturalidade do viver social”. Como já colocado, o olhar geográfico.

Para efetivar a aula de campo, foi necessário o apoio da equipe pedagógica da escola e dos responsáveis diretos pelos alunos. Entre as ações, ocorreu o planejamento das atividades a serem desenvolvidas e a organização do roteiro de campo, a mobilização e a motivação dos alunos, organização do transporte, organização de uma logística na escola para que a professora pudesse sair com a turma, sem que as outras quatro turmas que ela teria que ministrar aulas no mesmo dia ficassem sem aulas e, para que os professores que ministrariam as outras quatro aulas para as crianças que iriam a campo, autorizassem o uso destas aulas para a atividade. Resolvidas tais questões a aula de campo foi agendada.

No roteiro de campo foi incluso todos os bairros da cidade onde os alunos residiam, para que fosse possível observar com eles, as diferenças e semelhanças na paisagem destes diferentes lugares e ampliar o conhecimento sobre a questão urbana. A planta urbana foi utilizada durante o percurso para identificar os pontos de parada. Para registro em campo, os alunos levaram uma

caderneta, máquina fotográfica e/ou celular. Em alguns bairros, foi possível passar perto da casa dos alunos, em outros não.

Durante o trajeto, pontos de paradas foram definidos para observação da paisagem urbana com o olhar geográfico. Em alguns pontos, os alunos desceram do ônibus, e em alguns pontos, a observação da paisagem foi realizada de dentro do próprio ônibus (nos pontos mais perigosos por conta do tráfego e local). A professora utilizou um megafone e um apito para auxiliá-la nas orientações e explicações dentro e fora do ônibus. Sobre a importância do trabalho do professor na organização do Estudo do Meio, destacamos a experiência profissional do docente, como colocam Lopes e Pontuschka (2015, p. 89):

[...] a experiência profissional pautada na crítica e reflexão contínuas sobre as práticas de sala de aula permite ao professor inventar e se apropriar conscientemente de uma série de esquemas práticos e estratégicos de ação, um rico e intenso processo de pedagogização da matéria ensinada que, armazenados, avaliados e retroalimentados, constituem-se em valioso acervo profissional do professor.

As crianças aos poucos foram se surpreendendo com lugares da cidade que nunca tinham visto, com a distância que alguns colegas percorriam para ir para escola, com as diferenças nos aspectos geográficos da paisagem de cada lugar, e se alegravam em mostrar para os colegas, o bairro onde moravam. Sobre isso, Goettems (2005, p. 56), “coloca que os Estudos do Meio permitem ao aluno descobrir novos elementos naquilo que lhe parecia ‘normal’ ou ‘natural’, de forma que se sentirá instigado a entender esses novos elementos e, ao fazê-lo, iniciará uma releitura (ampliada) do mundo”.

Entre os aspectos observados e dialogados, destacaram-se: o padrão construtivo nos diferentes bairros; a pavimentação; as diferentes formas de uso e ocupação do solo; a arborização; a limpeza urbana; o saneamento básico; a conservação dos equipamentos públicos e particulares; o relevo suave ondulado da cidade, a região de interflúvio e os fundos de vale. Os estudantes observaram que a região mais central está no topo, e que para ir em direção à alguns bairros é necessário descer até o fundo de vale, e para outros, passar pela ponte e subir na outra vertente do rio. Como havia alunos residentes na Vila Rural, e algumas em regiões de fundo de vale, no limite da área de expansão urbana, aspectos do rural também foram observados na cidade.

Para Santos (1998, p. 7-8) a paisagem é o “domínio do visível” (formada de volumes, cores, movimentos, odores, sons, etc....) e “[...] toma escalas diferentes e assoma diversamente aos nossos olhos, segundo onde estejamos, ampliando-se quanto mais se sobe em altura, porque desse modo desaparecem ou se atenuam os obstáculos à visão, e o horizonte vislumbrado não se rompe”. Como a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato, de acordo com suas vivências, suas experiências e educação que recebem.

Destacamos alguns aspectos importantes que contribuíram para o bom andamento da atividade de campo: a) a experiência docente da professora e a confiança em seu trabalho pela equipe pedagógica da escola; b) a motivação dos alunos para novas experiências de aprendizagem e o gosto pela Geografia; c) o respeito e empatia dos alunos com a professora e acadêmicos envolvidos e; d) o trabalho colaborativo entre professores e alunos da universidade e da escola na realização de todo o projeto.

Deste modo, concordamos com Lopes e Pontuschka (2013), que o Estudo do Meio pressupõe autonomia relativa dos professores e, de maneira geral, das escolas no processo de construção de seu currículo. Logo, o trabalho coletivo e a dialogicidade (FREIRE, 2000) entre os sujeitos envolvidos foram fundamentais na organização do Estudo do Meio, em todas as etapas, desde o planejamento até a avaliação.

### 3.4 A CARTOGRAFIA ESCOLAR E A REPRESENTAÇÃO DE PAISAGENS URBANAS COM O DESENHO DO ALUNO

Com objetivo de sistematizar o conhecimento apreendido com o trabalho de campo, na aula posterior foram realizadas algumas atividades em sala de aula, como: debate sobre os aspectos da paisagem urbana observados; identificação na planta urbana do trajeto realizado e dos lugares visitados; produção de texto sobre as diferentes paisagens urbanas da cidade; representação com desenho, expressando o olhar geográfico sobre a paisagem observada em um dos bairro. Sobre a leitura do lugar e a representação da paisagem, Callai (2004, p. 6) coloca que:

A leitura do lugar, o reconhecimento do que existe, é um passo para a compreensão da realidade. Mas é importante também que seja feita a representação dos fenômenos e das paisagens. A capacidade de representar uma realidade que está sendo vivida permite que ocorra um distanciamento dela mesma, podendo compará-la a outras paisagens a outros lugares. A representação

que pode ser das mais diversas formas (desenho, texto escrito, mapa, maquete, teatro, vídeo, jornal, etc.) encaminha a uma análise e possibilita uma sistematização (CALLAI, 2004, p. 6).

Os textos mostraram em parte o entendimento e a reflexão dos alunos sobre as diferenças que observaram nas paisagens urbanas nos bairros da cidade, a representação com o desenho e os debates e outras atividades realizadas ajudaram na construção do conhecimento. A identificação do trajeto no mapa possibilitou um novo olhar sobre esta espacialização, diferente daquele do início da aplicação projeto. A representação das quadras, sua localização, as distâncias e a relação com a escala ficaram menos abstratas para os alunos.

A representação das paisagens urbanas observadas nos diferentes bairros com o desenho pelo aluno, se destaca como uma possibilidade do desenvolvimento da imaginação criativa, que traz novas ideias e auxilia na abstração e na construção dos conceitos geográficos. Santos (2006, p. 207) coloca que ao desenhar, “[...] a unidade da paisagem é desvendada e criada pelo aluno, de maneira peculiar”, no entanto, “alguns elementos da paisagem são expressos por uma representação visual única, outras semelhantes, como se todos tivessem a mesma ideia e forma de desenhar”. Neste aspecto, considera-se a linguagem do desenho como um caminho metodológico para o ensino de Geografia que contribui para que o aluno desenvolva a consciência espacial de forma crítica, imaginativa e criativa, desenvolvendo o raciocínio geográfico.

Ao desenhar, os alunos têm que se libertar do aspecto sensorial da linguagem e substituir as imagens móveis por imagens fixas, que possam ser expressas visualmente. [...] A paisagem configura-se como uma unidade gráfica, com elementos diversos que se relacionam. [...] O desenho é a representação de uma imagem, ou de várias imagens, criando um pensamento complexo. Algumas imagens podem transformar-se em ideias (SANTOS, 2006, p. 205 - 206).

O desenho é assim uma expressão do olhar do artista que o fez sobre uma determinada paisagem, em um determinado momento, ligado a atividade cognitiva. A correspondência do desenho com o real depende, portanto, das experiências vivenciadas na relação com as práticas geográficas e com as habilidades para desenhar, assim como o ângulo de observação e as imagens mentais do lugar.

O Estudo do Meio permite que o olhar dos alunos sobre a paisagem seja estimulado e relacionado com os conhecimentos já apreendidos, para ir além da aparência. Ainda assim, a percepção de cada um será uma parte do todo de acordo com suas vivências. O desenho das

impressões individuais sobre a paisagem, é uma das formas de externar e socializar esta percepção. O debate e o diálogo sobre a percepção de cada um, ou mesmo a reflexão sobre o que desenhar e sobre outros desenhos sobre a mesma paisagem, é uma forma de estimular os alunos a ir além da aparência.

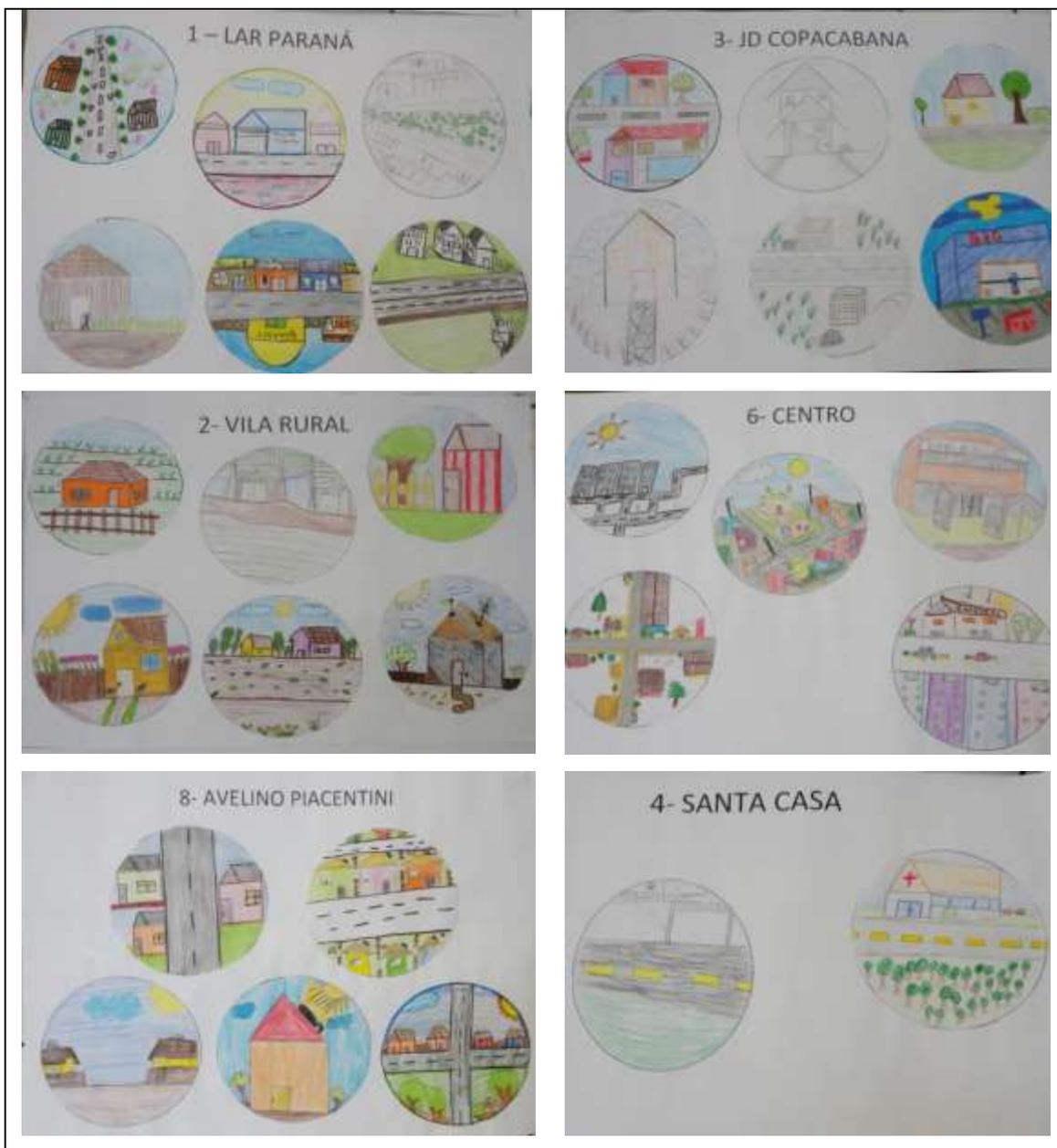
Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência (SANTOS, 2008, p. 28).

A fim de motivar os alunos ao desenho da paisagem urbana, a professora forneceu a eles um círculo de cartolina para representar a “lente geográfica”, na qual, eles fizeram os seus desenhos como se estivessem dando um “zoom” para captar com mais detalhes os elementos da paisagem urbana que acharam mais interessante, utilizando o olhar geográfico, sua percepção, imaginação e imaginário.

A fim de sistematizar o conhecimento sobre a paisagem urbana, revelado com os desenhos, para discussão neste artigo, foi realizado um recorte do grupo de alunos envolvidos no Estudo do Meio, para o trabalho com duas, das três turmas de alunos, envolvendo assim 80 dos 6<sup>os</sup> anos. Vários alunos representaram paisagens do mesmo bairro, mas com desenhos e elementos diferentes, como mostra os exemplos, na Figura 1.

As representações diferenciadas que cada aluno fez sobre paisagens observadas no mesmo lugar, comprovaram que “a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão”, como colocado por Santos (1998, p. 7). Dos 80 estudantes que participaram da atividade, 90% representaram lugares com moradias, mas apareceu também desenhos com estabelecimentos comerciais, escolas, igrejas, hospitais e áreas de cultivo.

Foram representados nos desenhos nove bairros de moradia, a Vila Rural e o Hospital Regional Santa Casa. O Conjunto Avelino Piacentini, do “Projeto Minha Casa Minha Vida”, um dos bairros mais distantes do Colégio, apareceu em 28,7% dos desenhos, sendo o lugar mais representado. As casas semelhantes e com aquecimento solar, chamaram atenção das crianças sendo que 15% delas desenharam casas com esse equipamento.



**Figura 1. Representação da paisagem urbana pelos alunos dos 6<sup>os</sup> anos**  
 Fonte: Projeto PIBID de Geografia da Unespar, *Campus* de Campo Mourão, 2014.

A Vila Rural, onde havia apenas uma aluna moradora, chamou a atenção pela diferença em relação ao padrão de ocupação, com elementos do rural, representado no desenho de 22,5% dos estudantes. Em relação aos outros bairros, 15% dos alunos desenharam paisagens do Jardim Lar Paraná, 10% do Centro (três eram desenhos do Colégio), 7,5% do Jardim Copacabana. Para chegar até a Vila Rural, no percurso, o ônibus passou no Hospital Regional Santa Casa, situado na rodovia PR 558, o qual foi representado por duas crianças (2,5%). Os outros cinco bairros tiveram o

desenho de um aluno para cada bairro: (1,25%): Jardim Modelo; Jardim Novo Horizonte; Vila Teixeira; Jardim Aeroporto e; Jardim Albuquerque. No estudo sobre a representação da paisagem urbana com o desenho, Francisco e Guimarães (2012, p. 62) colocam que:

No confronto entre o que se sabe e o que se deve saber, o percebido e o não percebido, estabelecem-se juízos individuais e coletivos, criando a necessidade da inserção de outros conceitos e valores. Nesse caso, o desenho viabiliza a mediação, visando à ativação das funções dos indivíduos acerca da paisagem cujo caráter é ativo e está em constante processo de complexificação.

O desenho dos diferentes lugares, refletiu primeiramente a materialidade da paisagem urbana. Para que o desenho da paisagem urbana, percebida, interpretada e representada pelo desenhista, pudesse ser elemento para reflexão sobre o movimento do espaço geográfico, os estudantes foram estimulados a comentar sobre os motivos da escolha daquela paisagem e daqueles elementos geográficos e a refletirem sobre as diferenças existentes no espaço urbano. Os estudantes gostaram dos desenhos e da ideia de expor os mesmos. Foi então, organizado um painel no pátio, associando as representações em desenho, ao bairro no mapa, com o objetivo de espacializar as informações geográficas, com o lugar de moradia dos alunos, utilizando os desenhos, como símbolos pictóricos para expressar características da paisagem urbana.

A observação da paisagem urbana por diferentes sujeitos, leva a uma interpretação individual daquilo que foi construído coletivamente. A interpretação do outro que vê o desenho é única, e difere de quem desenhou. Da leitura dos desenhos, emergiu a reflexão sobre os diferentes elementos constituintes das paisagens urbanas mais centrais e periféricas, da mediação pelo professor, ocorreu a resignificação do espaço, com a inserção de novos conceitos geográficos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A integração entre universidade e escola por meio do PIBID aproximou os acadêmicos da práxis pedagógica, associando pesquisa, ensino e extensão, possibilitando o conhecimento de alguns aspectos da paisagem da cidade de Campo Mourão. Os licenciandos bolsistas, moradores de outros municípios, os professores e os alunos dos 6<sup>os</sup> anos tiveram oportunidade de conhecer outros bairros, com paisagens semelhantes ao seu ou diferentes. O Estudo do Meio, com o trabalho

de campo, atividade pedagógica dinâmica, em ambiente diferente, para além da sala de aula, trouxe motivação para o ensino-aprendizagem, e maior proximidade entre a professora e os alunos, com estabelecimento de laços afetivos entre estes.

As atividades do Estudo do Meio relacionando elementos da cartografia, trabalho de campo e o desenho da paisagem urbana, possibilitaram aos alunos dos 6<sup>os</sup> anos, a apropriação de conceitos cartográficos, maior compreensão das particularidades e semelhanças existentes em diferentes lugares da cidade, refletidas na paisagem urbana, numa perspectiva crítica e reflexiva. A discussão dos dados coletados, a elaboração dos mapas com a espacialização dos locais de moradia dos alunos e a representação da paisagem nos desenhos, aumentaram o interesse dos discentes pelas particularidades paisagísticas encontradas na cidade e, em consequência, resultaram em maior aprendizagem. Os alunos, com a mediação da professora e dos licenciandos bolsistas puderam refletir sobre a complexidade da produção do espaço urbano e sobre as relações socioeconômicas que nele se desenvolvem.

Com a pesquisa sobre o georreferenciamento escolar, constatou-se que a realidade socioeconômica e as experiências de vida dos alunos são diversas numa mesma sala de aula. O Colégio, que pela política de georreferenciamento deveria atender alunos da zona central da cidade, tinha também alunos dos diversos bairros da periferia.

Os dados levantados pelo Estudo do Meio revelaram que muitos alunos moram em bairros distantes do Colégio e, portanto, gastam um tempo maior para o deslocamento entre a casa e a escola, do que se estudassem próximos. Embora para alguns, que a escola do bairro é longe de suas casas, ou que os pais trabalham no centro, a logística de transporte para estudar no Colégio central deve ser considerada. Ao se deslocarem de casa para escola, os alunos utilizavam diferentes meios de transporte, a maioria vem de ônibus, outros de carro, de bicicleta ou a pé. Quanto mais longe a casa da escola, maior será portanto, a quantidade de veículos na rua, e a exposição dos alunos ao perigo de envolvimento em acidentes de trânsito. Por morar longe da escola, em outro bairro, se questiona se estes pais teriam envolvimento menor com a comunidade escolar, porém mais pesquisas precisam ser desenvolvidas neste sentido.

Outro campo para aprofundamento das pesquisas, são os estudos para entender toda complexidade de fatores que levam ao deslocamento dos alunos da periferia para estudarem no centro da cidade, considerando que existem escolas nos bairros periféricos. Os dados preliminares coletados nesta pesquisa, revelaram que a maioria dos pais e alunos justificaram a escolha pela

escola central, mesmo que distante de casa, por identificá-la como uma boa escola, principalmente influenciados por outras pessoas que já estudaram ou estudam ali.

A pesquisa permitiu a reflexão sobre estas diferentes realidades e diferentes práticas espaciais que precisam ser consideradas no ensino. Possibilitou ainda a reflexão sobre “a quem pertence a cidade” e os equipamentos públicos por ela disponibilizados.

A partir da atividade de Estudo do Meio, salienta-se ainda a importância: da atuação do professor como pesquisador, da sua experiência profissional docente e a utilização dos métodos próprios da ciência geográfica, adaptados didaticamente, as especificidades do ensino de Geografia; do trabalho colaborativo entre escola e universidade. Nesta circunstância, a escola é um locus importante para a formação docente e para reflexão e desenvolvimento de práticas criativas para ensinar Geografia, considerando o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

A atividade pedagógica do Estudo do Meio envolve certa complexidade quando os deslocamentos para aula de campo se dão para além dos muros da escola, considerando a organização do trabalho pedagógico com a logística disponível, ou seja, o tempo, os recursos humanos e físicos necessários para sua efetivação, além de questões envolvendo segurança. Todavia, ainda que a existência ou não da infraestrutura necessária à sua realização influa em sua qualidade, esta metodologia de ensino é sempre motivadora, desafiadora e importante para promover o raciocínio geográfico e a construção de novos conhecimentos.

Há diferentes formas para o aluno fazer o registro sobre sua apreensão da paisagem urbana, observada durante as atividades de campo integrantes do Estudo do Meio, como a fotografia, o vídeo, o mapa mental, o texto escrito, o desenho, entre outras. Nesta pesquisa destacou-se, o desenho de aspectos observados na paisagem que se destacaram na observação do desenhista, o que motivou também ao debate e a reflexão sobre a cidade. Este recorte foi uma opção pedagógica da professora regente, considerando que a maioria dos seus alunos dos 6<sup>os</sup> anos gostavam de desenhar, e que o desenho contribui com o desenvolvimento da consciência espacial e do raciocínio geográfico. Ao desenhar os elementos da paisagem urbana, é necessário pensar e refletir sobre os elementos observados que constituem a mesma.

Com a pesquisa realizada, comprova-se que como argumentam Lopes e Pontuschka (2009), a importância de o Estudo do Meio ser parte integrante e, ao mesmo tempo, desempenhar função integradora do trabalho educativo da escola. A opção da escola pelo Estudo do Meio

enquanto prática curricular ajudaria na sua efetivação e daria maior respaldo e segurança ao trabalho pedagógico do professor.

O Estudo do Meio é uma metodologia que associando o trabalho de campo com outros recursos e linguagens, neste artigo destacados, contribuiu para o conhecimento da diversidade da paisagem urbana e a reflexão sobre o direito a cidade, constituindo-se também, em uma possibilidade para ir além do conteúdo geográfico expresso nos livros didáticos, e trazer o olhar para aspectos do cotidiano, com a construção de novos conhecimentos.

## 5 REFERÊNCIAS

BALZAN, N. C. Estudo do Meio. In CASTRO, A. D; et.al. **Didática para a escola de 1º e 2º graus**. 4ª ed. São Paulo: Pioneira, 1976, p. 129-139.

BRASIL. **Lei Nº 8.069**, de 13/07/1990. Estatuto da criança e do adolescente. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)> Acesso em: 10 out. 2013.

\_\_\_\_\_. IBGE Cidades. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/campo-mourao/panorama>> Acesso em: 18 mar. 2020.

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do município ou a geografia nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H.C.; SCHAFFER, N. O.; KAECHER, A. K. (Orgs.) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB, 1998, p. 1-76.

\_\_\_\_\_. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

\_\_\_\_\_. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: A questão social do novo milênio**. Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal, 2004. Disponível em <<https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>>. Acesso em: 4 fev. 2019.

CARLOS, A. F. **A cidade**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999. 98 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2001

FRANCISCO, Debora L. & GUIMARÃES, Solange T. de L. O desenho da paisagem urbana como proposta didática no ensino de Geografia. **Caderno de Geografia**, v. 22, n. 38, 2012.

Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/280114678\\_O\\_desenho\\_da\\_paisagem\\_urbana\\_como\\_proposta\\_didatica\\_no\\_ensino\\_de\\_Geografia](https://www.researchgate.net/publication/280114678_O_desenho_da_paisagem_urbana_como_proposta_didatica_no_ensino_de_Geografia)> Acesso em: 12 dez. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GOETTEMS, A. A. **Problemas ambientais urbanos**: desafios e possibilidades para a escola pública. 2006. 221 páginas. Dissertação de Mestrado apresentado para Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

INEP. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **IDEB** - Resultados e Metas. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=971624>. Acesso em: 10 fev. 2020.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. Estudo do Meio: teoria e prática. **Geografia** (Londrina) v. 18, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360>>. Acesso em: 10 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Professores em formação: o Estudo do Meio como lugar para o desenvolvimento da profissionalidade docente. **Anais do XIV Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL)**. Lima, Peru, 2013. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/22.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2019.

\_\_\_\_\_. O conhecimento pedagógico do conteúdo na prática profissional de professores de Geografia. **Geosp**. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 75-92, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/79809>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

OLIVEIRA, Lívia. O estudo metodológico e cognitivo do mapa. In. ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Cartografia Escolar**. Contexto. São Paulo, 2011.

OGALLAR, A. S. El trabajo de campo y las excursiones. In: JIMENEZ, A. M. Ensenhar Geografia, de la teoría a la práctica. Madrid: Síntesis, 1995. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/220529854/Sanchez-Ogallar-El-Trabajo-de-Campo-y-Las-Excursiones> Acesso em: 10 ago. 2020.

PARANÁ. **Processo de matrícula por georreferenciamento**. Disponível em: <<http://www.nre.seed.pr.gov.br/ivaipora/arquivos/File/manuallogistica.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

ROCHA, Marcio M. **A espacialidade das mobilidades humanas**: um olhar para o norte central paranaense. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 1998.

SANTOS, Clézio. O uso dos desenhos no ensino fundamental: Imagens e conceitos.  
PONTUSCHKA, Nídia Nacib. *Et. al.* **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 3a ed, 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: USP, 1998.

SILVA, Patrícia F. & TRINDADE, Gilmar A. Paisagem no ensino de geografia urbana: olhares e vivências no centro urbano do município de Ipiaú – Bahia. **Revista Ensino de Geografia**. Recife. v. 2. a. 2, maio/agosto. 2019. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/issue/view/2851>> Acesso em: 10 mar. 2020.

SIQUEIRA, Santiago A. de. A educação geográfica e a cidade: a Geografia Escolar, o método e o ensino da cidade. **Pesquisar** - Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, ISSN 2359-1870, v. 6, n. 11, novembro de 2019, p. 342-358. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/66600/40499>. Acesso 10 ago. 2019

*Data de recebimento: 09 de abril de 2020.*

*Data de aceite: 07 de fevereiro de 2021.*